

A PRODUÇÃO CIENTÍFICA BRASILEIRA EM COOPERAÇÃO EMPRESARIAL

Valdir Antonio Vitorino Filho

Doutorando em Administração da Universidade Metodista de Piracicaba – UNIMEP

valdirxadrez@bol.com.br

Mário Sacomano Neto

Doutor em Engenharia de Produção pela Universidade Federal de São Carlos – UFSCAR

Professor da Universidade Metodista de Piracicaba – UNIMEP

msacomano@unimep.br

Eliciane Maria da Silva

Doutora em Engenharia de Produção pela Universidade Federal de São Carlos – UFSCAR

Professora da Universidade Metodista de Piracicaba – UNIMEP

elicianems@gmail.com

Antonio Carlos Giuliani

Doutor em educação pela Universidade Metodista de Piracicaba – UNIMEP

Professor da Universidade Metodista de Piracicaba – UNIMEP

cgiuliani@unimep.br

RESUMO

Este artigo tem por objetivo analisar a produção acadêmica na área de cooperação empresarial, em artigos publicados nos principais períodos brasileiros disponíveis na base do *Scielo*. A pesquisa emprega a técnica bibliométrica aos trabalhos científicos no período de 2001 a 2010. O estudo caracteriza-se como exploratório e descritivo, com tratamento quantitativo dos dados, de caráter bibliográfico, realizado por meio de análise de citação, uso de palavras-chave, métodos empregados, a formação dos autores e a criação de uma lista com os 14 autores mais citados e suas obras. Os resultados mostram que a produção nesta temática é baixa, considerando que foram identificados 18 artigos e 770 referências bibliográficas no período estudado. Indica ainda que os autores, na sua maioria, publicaram apenas um artigo nesse período sobre cooperação. Assim, os resultados alcançados com esta pesquisa auxiliam pesquisadores da área, para o aumento do conhecimento em cooperação.

Palavras-chave: Autores; Produção Científica; Bibliometria; Cooperação.

1 INTRODUÇÃO

Nos séculos XIX e XX, a história científica, a social, a econômica e a política radicou-se nas eras de Adam Smith e Charles Darwin que enfatizaram de maneira exagerada o papel da competição como condutora da evolução, do progresso, do comércio e da sociedade. A formação da nova era de desenvolvimento de competição no mercado global tem cada vez mais tomado uma forma de cooperação entre empresas e deve ser encarada pelas organizações de maneira a criar uma visão integradora que se encontra acima de conceitos político-ideológicos de qualquer natureza.

Diante desse contexto, esta pesquisa pretende abordar de maneira teórica o estudo em cooperação empresarial, com a aplicação de um método quantitativo, por meio do método bibliométrico, de caráter exploratório e descritivo, com o objetivo de analisar a produção acadêmica em periódicos brasileiros disponíveis via *web* na base do *Scielo*. Foi feito um recorte de tempo de dez anos (produção entre 2001 a 2010) para averiguar alguns aspectos como: análise de citações, destacando os autores mais citados; suas obras; as palavras-chave mais utilizadas, os métodos de pesquisa e coleta de dados empregados pelos artigos selecionados, uma breve caracterização dos autores e coautores dos trabalhos.

Tendo o estudo como principal questionamento, **existe uma padronização na utilização de referências bibliográficas em estudos de cooperação empresarial no Brasil?**

O desenvolvimento desse problema de pesquisa e os objetivos delimitados assentam nas seguintes hipóteses: (a) a concentração das publicações sobre cooperação empresarial em apenas um periódico; (b) redes de empresas são mais utilizadas como fonte para obtenção de dados em pesquisa de cooperação empresarial; (c) a utilização predominante nas citações bibliográficas de autores estrangeiros.

A pesquisa justifica-se uma vez que o campo de estudo em cooperação empresarial poderá suprir uma lacuna no sentido de conhecer o que está sendo estudado por pesquisadores brasileiros sobre o tema e como essa abordagem tem sido tratada e exposta ao longo de uma década em produção sobre cooperação empresarial, assim como a evolução desse tema ao longo do tempo.

Por meio da análise bibliométrica é possível identificar o material publicado sobre o tema e proporcionar uma visão, no âmbito brasileiro, de pesquisadores que escrevem sobre o tema de cooperação empresarial e a identificação dos principais autores citados nesses trabalhos.

2 BIBLIOMETRIA

Para Paulista, Campos e Turrioni (2010) bibliometria pode ser entendida como o campo da ciência que infere sobre a produção bibliográfica de um determinado autor para medir a produtividade de cada autor e criar métodos de comparação entre diversos autores.

Araújo (2006) descreve a existência de três leis fundamentais no campo do estudo bibliométrico: a lei de produtividade de autores, de Lotka; a lei de dispersão de periódicos, de Bradford; e a lei de frequência de palavras, de Zipf. Além da abordagem dessas três leis fundamentais na análise bibliográfica, o autor lista a teoria epidêmica e a análise de citações.

Ainda segundo Araújo (2006), a lei de Lotka tem como um de seus princípios que uma grande quantidade de produção científica é fruto do trabalho de poucos autores, ou seja, de um número pequeno de autores, e que existe um grande número de pequenos autores que se iguala, proporcionalmente, em produção científica a grande quantidade de trabalhos produzidos por poucos autores.

Na lei de Bradford, se enumerarmos periódicos em ordem decrescente, levando em consideração o critério de produtividade de artigos sobre um determinado tema, pode-se obter o que é chamado de núcleo de periódicos mais particularmente destinados ao tema escolhido, havendo a possibilidade da existência de zonas que incluam o mesmo número de artigos que o núcleo. Os estudos de Bradford ainda destacam que mais da metade do total de artigos úteis, ou seja, que se encaixam com o tema pesquisado, não estavam sendo cobertos pelos serviços de indexação e resumos. (Araújo, 2006).

Com relação à lei de Zipf, Araújo (2006) cita que essa lei descreve a relação entre palavras em um determinado texto suficientemente grande e a ordem de série dessas palavras ou, ainda, a contagem dessas palavras em larga escala.

Salientam Muniz, Maia e Viola (2011) que, em geral, pesquisas qualitativas envolvem amostras pequenas, intencionais e têm como ferramentas de análise o estudo bibliográfico ou documental. Já as pesquisas qualitativas procuram uma amostragem maior, com tratamentos estatísticos dos dados obtidos.

Borba, Hoeltgebaum e Silveira (2011) descrevem que a bibliometria apoia-se em fontes e documentos escritos originais primários, que, por sua vez, têm a finalidade de colocar o pesquisador em contato com tudo que foi escrito e discutido sobre um determinado tema, em um determinado período e periódico ou evento.

Para Paulista et al. (2010), é possível ainda, com o estudo bibliométrico, promover análises de citações que permitam a identificação e descrição de uma série de padrões na produção de trabalhos

científicos. Como exemplifica Araújo (2006) com base em dados extraídos de citações, pode-se identificar, dentre outros fatores: autores mais citados, autores mais produtivos, elite de pesquisa, impacto dos autores, autores mais influentes, a procedência dos periódicos que mais contêm artigos sobre o tema abordado, identificação da origem dos autores desses trabalhos, obsolescência da literatura, decadência ou ascendência de temas.

Para Paulista et al. (2010) o estudo bibliométrico envolve uma leitura analítica dos textos, que conte as fases de diferenciação, compreensão e julgamento das ideias. Salientam que para julgar é necessário entender, e para entender é preciso ir a fundo nas ideias e compreendê-las de forma a investigar os verdadeiros conceitos que estão embutidos nas ideias. Compreendidas as ideias, passa-se para o julgamento, em que é parte integrante a atribuição de valores, a determinação da utilidade e a descoberta da importância dos elementos em questão. Formulam-se os critérios de julgamento em função dos objetivos e propósitos de cada pesquisador.

Complementam Borba et al. (2011) que pesquisas de cunho bibliométrico buscam maior entendimento de um determinado tema, que possui certa relevância crescente no meio acadêmico científico.

3 MÉTODO

Esta pesquisa caracteriza-se como um estudo bibliográfico, com método quantitativo e de caráter exploratório e descritivo, uma vez que utilizou como base a coleta de artigos publicados em periódicos nacionais sobre um determinado tema **cooperação empresarial**, com tratamento de dados através da bibliometria. De acordo com Bibliometrics (n.d.), o uso de análise em citações ocorre quando o pesquisador deseja determinar a influência de autores em uma determinada área de pesquisa.

Neste estudo optou-se pela coleta de artigos eletrônicos na base de dados do **Scielo.org** em função de sua representatividade e relevância no meio acadêmico em relação à publicação de pesquisas. Limitou-se à escolha de artigos publicados em periódicos nacionais. As palavras básicas utilizadas para busca foram **cooperação empresarial, cooperação e competição, cooperação vertical e horizontal, cooperação interorganizacional e cooperação entre empresas**, procuradas no título do artigo, no resumo e nas palavras-chave. Obteve-se um total de 27 artigos, sendo que desses foram selecionados 18, distribuídos em 7 revistas descritas na Tabela 1 deste trabalho, onde realmente se encaixam no intuito da pesquisa em analisar artigos produzidos sobre cooperação empresarial.

Para Borba et al. (2011) o advento da internet proporcionou a possibilidade de consultas via web aos periódicos científicos em diversas áreas, armazenados de forma eletrônica ou digital.

O recorte de tempo foi de 2001 a 2010, compreendendo um período de dez anos em publicações sobre o tema cooperação empresarial. Descreve Araújo (2006) que o estudo bibliométrico tomou força a partir da publicação **Bibliografia Estatística ou Bibliometria?** de Pritchard (1969), em que o recorte de tempo é predefinido para limitação do escopo e análise da pesquisa.

Nos estudos de Paulista et al. (2010) destacam-se alguns elementos para análises bibliométricas em periódicos. Alguns desses elementos serão utilizados por esta pesquisa e são destacados no parágrafo abaixo. Salientam ainda que a pesquisa pode ser realizada em função de vários fatores, tais como: maior esclarecimento de um determinado assunto, interesse do pesquisador em procurar representatividades no campo estudado, proporcionar uma explanação compacta do conhecimento em questão, dentre outros.

Os elementos levados em consideração no processo de obtenção de dados para análise posterior são os seguintes: (a) periódicos onde foram publicados; (b) quantidade de artigos por ano de publicação; (c) caracterização dos autores desses artigos levantados, como formação acadêmica (título, área e instituição) dos mesmos; (d) tipo de pesquisa utilizada: teórica ou estudo de caso, exploratória, descritiva ou ambos, apresentação dos objetivos e questões de pesquisa e a descrição de hipóteses/pressupostos de pesquisa; (e) para as pesquisas com estudo de caso averiguou-se ainda o tipo de coleta de dados: quantitativo, qualitativo, **quali-quantitativo**, questionário, entrevista, levantamento documental ou mais de uma e outros, o recorte de amostra probabilística ou amostra não probabilística; (f) o apontamento dos autores mais citados, através da técnica de análise em referências bibliográficas; e (g) apontamento de suas obras citadas.

Segundo o Bibliometrics (n.d.) essa contagem do número de vezes que um determinado autor foi citado por outros autores pode ser distorcida basicamente por dois motivos: a citação com uso negativo, ou seja, aplicando-se uma crítica ao autor; ou o uso excessivo de um mesmo autor, com obras diferentes para fundamentação de um mesmo trabalho.

Para a obtenção das informações no que tange aos autores desses artigos estudados, utilizou-se como base de busca a plataforma de currículos Lattes, onde se acessou o currículo de cada autor ou coautor de trabalho de modo a identificar sua formação acadêmica.

No tratamento dos dados obtidos foi utilizada a ferramenta Microsoft Excel para tabulação, formatação e criação das tabelas e dos gráficos para posterior análise, apresentada nesta pesquisa.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Aqui são apresentados os resultados obtidos através da pesquisa bibliográfica e são discutidos os mesmos. Estão dispostos da seguinte maneira: a produção por periódicos entre 2001 e 2010; a quantidade de artigos publicados por ano; a utilização de palavras-chave; a caracterização dos autores; os autores mais citados e suas obras; e a caracterização das pesquisas realizadas nos artigos selecionados.

Na Tabela 1 nota-se que a maioria dos artigos analisados foram publicados na **Revista de Administração Contemporânea** (8), em seguida a **Revista Gestão e Produção** (4), a **Revista Produção** (2), e com número mínimo de publicações (1) as revistas: **Revista Katálysis Florianópolis**, **Psicologia: Reflexão e Crítica**, **Revista de Economia Contemporânea** e **Revista Brasileira Política Internacional**.

Tabela 1 – Produção por periódicos entre 2000 e 2010

Revistas	Total de Publicações
Revista Katálysis Florianópolis	1
Psicologia: Reflexão e Crítica	1
RAC – Revista de Administração Contemporânea	8
Gestão & Produção	4
Revista Produção	2
Revista de Economia Contemporânea	1
Revista Brasileira Política Internacional	1
Total	18

Fonte: Elaborado pelos autores.

Na Tabela 2 são descritas as quantidades de artigos publicados por ano, no período longitudinal de dez anos estabelecidos por esta pesquisa. Para o ano de 2004 foram encontradas 4 publicações, sendo o ano com maior número de publicações. Já para os anos de 2001, 2007 e 2009 aponta-se um total de 3 publicações. No ano de 2006, de 2 publicações, e nos anos de 2003, 2005 e 2008 apenas 1 publicação. E ainda nos anos de 2002 e 2010 não se encontrou nenhuma publicação acerca do tema em estudo. Observa-se que existe uma pulverização nas 18 publicações encontradas, não caracterizando uma grande concentração em um determinado ano, lembrando que o número máximo de publicações encontradas foi de 4, atingindo a abstenção de publicações em dois anos com uma diferença de tempo de 9 anos para que isso ocorresse.

Tabela 2 – Quantidade de artigos publicados por ano

Ano	Quantidade
2001	3
2002	0
2003	1
2004	4
2005	1
2006	2
2007	3
2008	1
2009	3
2010	0
Total	18

Fonte: Elaborado pelos autores.

4.1 Palavras-Chave

Dentre as palavras-chave mais citadas pelos autores, averiguou-se que são as seguintes: cooperação (7), competitividade (4), redes (3), pequenas e médias empresas (3), redes de empresa (2). Destaca-se que a palavra que compõe o objetivo principal desta pesquisa aparece como a mais citada entre as palavras-chave (cooperação), interessante perceber que o que pode ser considerado como **oposto** a essa palavra também aparece entre as mais citadas (competição). Importante perceber a utilização de palavras ligadas ao estudo de redes (redes, redes de empresa) como principal forma de coleta e análise de dados com relação ao tema de cooperação de empresas. Notou-se ainda que o conjunto de palavras **pequenas e médias empresas** consta como um objetivo desses estudos.

4.2 Autores

Verificou-se que apenas 36 autores e coautores publicaram no período de 2000 a 2010, com média de dois autores por artigo. Considerando os 18 artigos, destaca-se que não houve nesse período um autor que publicasse mais de um artigo sobre o tema cooperação. Os dados demonstram a baixa produção científica sobre a temática. Buscou-se uma caracterização inicial desses autores, analisando o perfil dos autores que publicaram esses trabalhos, com um levantamento de sua formação, instituição em que se formou e área. O levantamento deu-se através da plataforma de currículos Lattes.

Os resultados desse levantamento são: 16,67% dos autores mestres; 66,66% doutores; e 16,67% pós-doutores. A maioria possui formação em administração (41,66%), depois em engenharia de produção (25%), em seguida ciência econômica, economia, psicologia e gestão com 5,55% cada, e com uma diversidade entre as áreas de ciências políticas, ciências sociais, engenharia mecânica e

engenharia civil, porém com um percentual pequeno de 2,78% cada formação. Já em relação às instituições nas quais os autores se formaram, há uma predominância da Universidade São Paulo (USP), com 27,78%; destacam-se ainda formações na Universidade Federal do Paraná (UFPR) e Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), com 8,33% cada, e Universidade Federal da Bahia (UFBA), Universidade de Brasília (UNB), Universidade Campinas (UNICAMP) com uma representação de 5,55%, além de formações internacionais como na Michigan State University (5,55%).

4.3 Referências mais Citadas

Através do método de análise por citação (Gráfico 1) esta pesquisa identificou os 14 autores mais citados sobre o tema cooperação empresarial, através dos seguintes conjuntos de palavras: cooperação empresarial, cooperação e competição, cooperação vertical e horizontal, cooperação interorganizacional e cooperação entre empresas, nos artigos publicados entre 2001 e 2010.

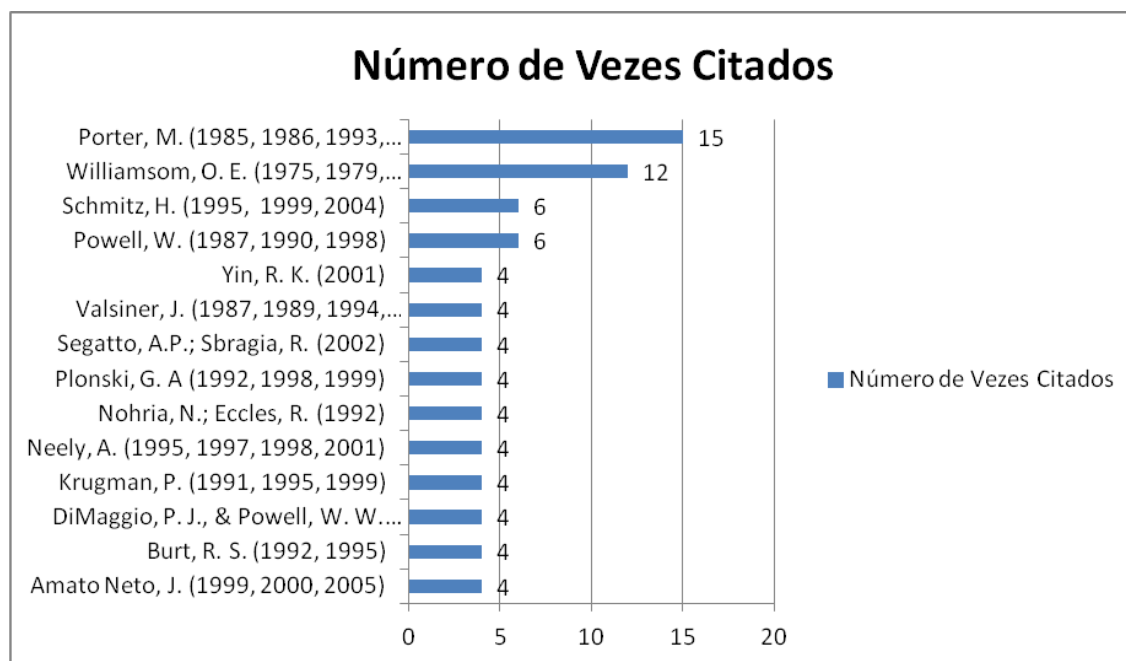


Gráfico 1 – Autores mais citados

Fonte: Elaborado pelos autores.

Aparecem no gráfico por ordem de maior citação até menos citação dentre os 14 autores mais citados, entre os 18 artigos pesquisados, e as 770 referências bibliográficas utilizadas por esses artigos. O autor mais citado, com 15 citações, é Porter, M. (1985, 1986, 1993, 1998, 1999, 2000). Em seguida Williamsom, O. E. (1975, 1979, 1985, 1991), com 12 citações. Já os autores Schmitz, H. (1995, 1999,

2004) e Powell, W. (1987, 1990, 1998) com 6 citações cada. E por fim 10 autores com a mesma quantidade de citações (4), sendo Amato Neto, J. (1999, 2000, 2005); Burt, R. S. (1992, 1995); DiMaggio, P. J., & Powell, W. W. (1991, 1983); Krugman, P. (1991, 1995, 1999); Neely, A. (1995, 1997, 1998, 2001); Nohria, N.; Eccles, R. (1992); Plonski, G. A (1992, 1998, 1999); Segatto, A.P.; Sbragia, R. (2002); Valsiner, J. (1987, 1989, 1994, 1998) e Yin, R. K. (2001).

Obteve-se uma concentração dos autores mais citados nas áreas relacionadas à cooperação entre empresas: Amato Neto (2000), Burt (1992), Nohria e Eccles (1992), Nohria e Eccles (1992), Powell (1990), Schmitz (1999), Williamson (1991). Passando por teorias com a institucional (DiMaggio & Powell, 1983). O crescimento econômico (Krugman, 1995). A medição de desempenho (Neely, 1998). Até uma perspectiva sociocultural construtivista voltada para psicologia do indivíduo (Valsiner, 1989). E a constatação de um autor metodológico entre os mais citados, através da análise de métodos em estudos de caso (Yin, 2001).

Como autor mais citado Porter (1985) por um lado um contraponto a ideia central do levantamento da pesquisa em cooperação empresarial, levando em conta que as principais vertentes do autor estão voltadas para as estratégias empresariais e visão a competição entre empresas por um mercado capitalista, voltada para o ambiente interno da organização. Ao passo que em um de seus trabalhos, Porter (1998) descreve um estudo voltado para clusters como estratégias para as novas economias de competição.

4.4 Autores e suas Obras Citadas

São apresentados no Quadro 1, de forma resumida, os 14 autores mais citados e suas obras citadas nos periódicos.

Autores	Obras Citadas
Amato, J., Neto	Amato, J., Neto (1999). <i>Redes de cooperação produtiva: antecedentes, panorama atual e contribuições para uma política industrial</i> . Tese (Livre Docência). Escola Politécnica, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil. Amato, J., Neto (2000). <i>Redes de cooperação produtiva e clusters regionais</i> . São Paulo: Atlas. Amato, J., Neto (Org.). (2005). <i>Redes entre organizações: domínio do conhecimento e da eficácia operacional</i> . São Paulo: Atlas.
Burt, R. S.	Burt, R. S. (1992). <i>Structural holes</i> . Cambridge, MA: Harvard University Press. Burt, R. S., & Knez, M. (1995). Kinds of third- party effects on trust. <i>Rationality and Society</i> , 7(3), 255- 292.
DiMaggio, P. J., & Powell, W. W.	DiMaggio, P. J., & Powell, W. W. (1983). The iron cage revisited: institutional isomorphism and collective rationality in organizational fields. <i>American Sociological Review</i> , 48(2), 147-160.

	DiMaggio, P. J., & Powell, W. W. (1991). <i>The new institutionalism in organizational analysis</i> . Chicago: The University of Chicago Press.
Krugman, P.	Krugman, P. (1991). <i>Geography and trade</i> . Cambridge, MA: MIT Press. Krugman, P. (1995). <i>Development, geography and economic theory</i> . Cambridge, MA: MIT Press. Krugman, P. (1999). The role of geography in development. <i>Paper presented for the Annual World Bank Conference on Development Economics, 1998</i> . Washington, DC: The Word Bank.
Neely, A.	Neely, A. (1998). <i>Measuring business performance</i> . London: The Economics. Cap. 3, p. 70-89. Neely, A., Richards, H., Mills, J., Platts, K., & Bourne, M. (1997). <i>Designing performance measures: a structured approach</i> . <i>International Journal of Operations & Production Management</i> , 17(11), 1131-1152.
Nohria, N., & Eccles, R.	Nohria, N., & Eccles, R. (1992). <i>Networks and organizations: structure, form and action</i> . Boston: Harvard Business School Press.
Plonski, G. A.	Plonski, G. A. (1992). Prefácio a la cooperación empresa-universidad en Iberoamerica. In G. A. Plonski (Org.), <i>Cooperación empresa-universidad en Iberoamerica</i> (pp. 7-14). São Paulo: CYTED. Plonski, G. A. (1998). Cooperação empresa-universidade no Brasil: um novo balanço prospectivo. In A. G. Plonski (Coord.), <i>Interação universidade-empresa</i> (pp. 09-23). Brasília: IBICT. Plonski, G. A. (1999). Cooperação universidade-empresa: um desafio gerencial complexo. <i>Revista de Administração da Universidade de São Paulo</i> , 34(4), 5-12.
Segatto-Mendes, A.P., & Sbragia, R.	Segatto-Mendes, A. P., & Sbragia, R. (2002). O processo de cooperação universidade- empresa em universidades brasileiras. <i>Revista de Administração da Universidade de São Paulo</i> , 37(4), 58-71.
Valsiner, J.	Valsiner, J. (1987). <i>Culture and the development of children.s action: a theory of human development</i> . New York, NY: John Wiley & Sons. Valsiner, J. (1989). <i>Human development and culture: the social nature of personality and its study</i> . Lexington, MA: Lexington. Valsiner, J. (1994). Bidirectional cultural transmission and constructive sociogenesis. In W. de Graaf, & R. Maier (Orgs.), <i>Sociogenesis reexamined</i> (pp. 47.70). New York, NY: Springer. Valsiner, J. (1998). <i>The guided mind: a sociogenetic approach to personality</i> . Cambridge, MA: Harvard University Press.
Yin, R. K.	Yin, R. K. (2001). <i>Estudo de caso: planejamento e métodos</i> (2a ed.). Porto Alegre: Bookman.
Powell, W.	Powell, W. W. (1987). Hybrid organizational arrangements: new form or transitional development? <i>California Management Review</i> , 30, 67-87. Powell, W. W. (1990). Neither market nor hierarchy network forms of organization. <i>Research in Organizational Behavior</i> , 12, 295-336. Powell, W. W. (1998). Learning from collaboration: knowledge and networks in the biotechnology and pharmaceutical industries. <i>California Management Review</i> , 40, 228-240.
Schmitz, H.	Schmitz, H. (1995). Small shoe makers and fordist Giants: tale of a supercluster. <i>World Development</i> , 23(1), 9-28. Schmitz, H. (1999). Collective efficiency and increasing returns. <i>Cambridge Journal of Economics</i> , 23(4), 465-483. Schmitz, H. (Comp.). (2004). <i>Local enterprises in the global economy: issues of governance and upgrading</i> . Cheltenham, RU: Edward Elgar.

Williamsom, O. E.	<p>Williamson, O. E. (1975). <i>Markets as hierarchie: analysis and antitrust implications</i>. New York: The Free Press.</p> <p>Williamson, O. E. (1979). Transaction-cost economics: the governance of contractual relations. <i>Journal of Law and Economics</i>, 22(2), 223-261.</p> <p>Williamson, O. E. (1985). <i>The institutions of capitalism</i>. Cambridge, MA: Belknap Press.</p> <p>Williamson, O. E. (1991). Comparative economic organization: an analysis of discrete structural alternatives. <i>Administrative Science Quarterly</i>, 36(2), 3-37.</p>
Porter, M. E.	<p>Porter, M. E. (1985). <i>Competitive advantage: creating and sustaining superior performance</i>. New York: Free Press.</p> <p>Porter, M. E. (1986). <i>Estratégia competitiva: técnicas para análise da indústria e da concorrência</i>. Rio de Janeiro: Campus.</p> <p>Porter, M. E. (1993). <i>Vantagem competitiva das nações</i>. Rio de Janeiro: Campus.</p> <p>Porter, M. E. (1998). Clusters and the new economics of competition. <i>Harvard Business Review</i>, 76(6), 77-90.</p> <p>Porter, M. E. (1999). Clusters e competitividade. <i>HSM Management</i>, 15, 100-110.</p> <p>Porter, M. E. (1999). <i>Competição: estratégias competitivas essenciais</i>. Rio de Janeiro: Campus.</p>

Quadro 1 – Autores e obras mais citadas

Fonte: Elaborado pelos autores.

Pretende-se nesta parte da pesquisa descrever a principal contribuição dos autores, destacando-se os principais temas e conceitos fornecidos por eles, de maneira resumida e com o recorte para uma de suas obras. Seguindo-se a ordem exposta na tabela acima.

Amato (2000) afirma que a cooperação interempresas proporciona benefícios que dificilmente as organizações atingiriam se atuassem de maneira isolada. Como, por exemplo: a combinação das competências e a troca de *know-how* com outras organizações. Ou ainda, o compartilhamento nos custos em termos de pesquisas e investimento em tecnologia. O compartilhamento dos riscos ocorridos quando da exploração de novas oportunidades e a realização de experiências conjuntas. Além da representatividade no mercado, que gera aumento na força competitiva e fortalece o poder de compra. E para empresas que desejam atuar em mercados internacionais essa cooperação passa a fornecer mais força na atuação dessas empresas no exterior.

Ainda de acordo com Amato (2000) uma tendência econômica está voltada para o desenvolvimento das relações interempresas para as tendências impostas pela globalização, para os serviços terceirizados e pela reorganização industrial, referindo seu estudo particularmente a micro, pequenas e médias empresas.

Já Burt (1992) demonstra em seu trabalho que um agente pode aumentar sua possibilidade de ascensão ao preencher buracos estruturais factíveis como oportunidades. Quanto mais habilidoso para prospectar e efetivar seu preenchimento são teoricamente capacidades positivas de um agente. **A ação**

humana é uma busca constante de nichos nos quais se possam sustentar. Segundo Burt (1992) existem dois modelos de análise: relacionais e posicionais. (a) **Modelos relacionais:** Baseiam-se em técnicas gráfico-teóricas com destaque na identificação de **cliques** que são regiões altamente conectadas das redes em que a totalidade (ou maioria) está ligada entre si. (b) **Modelos posicionais:** Baseiam-se em técnicas de matrizes algébricas. Com a identificação de pares de agentes interligados a terceiros (estruturalmente equivalentes).

Para Burt (1992) um buraco estrutural representa a oportunidade de gerenciar o fluxo de informações e controle sobre projetos que pessoas em comum carregam consigo. Essa abordagem assume a postura de que a perspectiva de ego está centrada no conceito elaborado por Granovetter (1973), onde a rede **nasce** a partir do indivíduo, amarrando com a ideia a noção de que existem rotas de acesso para outras redes e, ainda, a informação e o controle são funções contrárias a fatores como a coesão (detêm as mesmas informações, causando redundâncias nos conhecimentos transmitidos) e equivalência estrutural (os contatos têm informações redundantes, pois interligam atores às mesmas partes), ou seja, quando os contatos ocorrem entre atores que já se conhecem, é tendencioso que as informações transmitidas sejam redundantes.

Segundo DiMaggio e Powell (1983) a teoria institucional entende o ambiente organizacional como espaço que comporta uma reposição de recursos econômicos, que por sua vez são recursos tangíveis, em que as estratégias organizacionais passam a encontrar esses recursos e transformá-los em recursos econômicos e vice-versa, para se proteger das incertezas do ambiente. Os autores utilizam alguns argumentos formais como: a teorização por estudos organizacionais; a estruturação das organizações; teorias ambientais; o poder, controle e vigilância; a tecnologia; novas formas organizacionais; análise institucional; algumas críticas aos estudos organizacionais; estudo das correntes epistemológicas (problemas filosóficos relacionados à crença e ao conhecimento).

Krugman (1995) fornece uma visão voltada para a teoria do crescimento econômico. Explica através de formas muito particulares de pensamento se acumulam e constroem contextos regionais, destacam-se os estudos voltados para o papel da história e expectativas, perspectivas essas que moldam as atitudes dos agentes e traçam estratégias para o desenvolvimento da coletividade na qual se inserem, com o principal desafio de obter vantagens com a concentração de recursos e de setores produtivos em apenas alguns pontos estratégicos e distinguindo os demais pontos com uma tratativa marginal.

Neely (1998) trabalha com a medição de desempenho, na qual contradiz o conceito, e afirma que essa medição não melhora o desempenho em si, mas é capaz de proporcionar benefícios organizacionais, levando em consideração que as prioridades são comunicadas, os resultados

mensurados estão em quase sua totalidade vinculados a recompensas e torna a intenção de progresso organizacional explícito a todos os envolvidos na organização.

Nohria e Eccles (1992) trabalham com temas relacionados às redes colaborativas interorganizacionais, propondo três principais razões para o aumento da aplicação dessas práticas: (1) os avanços nas relações sociais ocorrem pelos avanços das tecnologias de informação, proporcionando um estreitamento nas relações mesmo que fisicamente distantes. (2) a constatação da análise de redes sociais como matéria interdisciplinar em estudos organizacionais. (3) o surgimento do novo modelo de competição na nova era, onde existe a valorização por modelos de redes inter-relações sociais, intra e interorganizacional.

Para Nohria e Eccles (1992) essa dinâmica de mercado, imposta pelo ambiente de negócios, está condicionada ao modo que ocorrem as relações organizacionais em redes de empresas composta por fornecedores, clientes e concorrente.

Plonski (1999) tem como principal objeto de pesquisa a análise entre a relação de cooperação empresa-universidade, a qual define como um modelo de arranjo interinstitucional entre organizações de natureza fundamentalmente distintas, que, por sua vez, têm finalidades e interesses diferentes e que adotam formatos diversos, passando de estágios profissionalizantes até os grandes projetos de pesquisa institucional.

Segatto-Mendes e Sbragia (2002) prosseguem na linha de pensamento de Plonski (1999) e afirmam que a cooperação entre universidades e empresas não ocorre, geralmente, consensualmente no que diz respeito às relações que podem se estabelecer e nas condições de pesquisa que envolvem esses grupos distintos de pessoas.

Valsiner (1989, p. 2, tradução nossa) está voltado para uma perspectiva sociocultural construtivista, que busca destacar “o papel central do sujeito ativo (que constrói seu mundo psicológico individual em constante relação com o mundo externo) junto com a primazia histórica do mundo social”. Analisa-se a dependência que os indivíduos têm de informações fornecidas pelo ambiente, e através dessa relação indivíduo-ambiente se constrói a cultura individual.

Yin (2001) descreve em sua obra alguns dos métodos e planejamentos em estudos de casos, com uma abordagem teórica e metodológica. Destacam-se três aspectos na discussão dos métodos para estudo de caso: (a) a natureza da experiência, enquanto fenômeno a ser investigado, (b) o conhecimento que se pretende alcançar, e (c) a possibilidade de generalização de estudos a partir do método. Salienta ainda que na aplicação de um único estudo de caso devem-se tomar algumas precauções no que tange às generalizações realizadas e ainda, em alguns casos, o que o pesquisador imaginava encontrar ou estudar enquanto aplicação deste estudo pode estar distorcido da teoria inicialmente abordada.

Powell (1990) aloca um destaque nas relações sociais causando uma avaria nas dimensões de preço e autoridade hierárquica nas organizações, com a forma de mecanismos de coordenação nos diferentes tipos de redes. Ao passo que Williamson (1985) compreende redes como uma forma mediadora entre o mercado e a hierarquia tidos como estruturas de governança.

Schmitz (1999) teoriza sobre o tema de aglomerações produtivas como uma concentração setorial e espacial de empresas pertencentes a um mesmo segmento de mercado e que estejam localizadas em uma área geográfica aproximada, com um grau rudimentar nas relações formalizadas e integradas.

Segundo Schmitz (1999) a vantagem competitiva pode ser atingida através da eficiência coletiva das economias externas locais e das ações conjuntas estabelecidas. Define o cluster como estimulador da dinâmica econômica por meio das ações conjuntas, que se materializa nos resultados da cooperação e do trabalho em rede de empresas.

Williamson (1991) em sua formulação associa a economia de mercado à teoria organizacional na forma do institucionalismo econômico, busca a combinação das medidas de estrutura interna com as medidas da estrutura de mercado. Onde mercado e hierarquias são as alternativas para se conduzirem as transações, isso dependerá do potencial de impacto da informação, essa situação se evidencia quando as verdadeiras condições subjacentes das transações são de conhecimento por uma ou mais partes envolvidas na transação, mas não por todas. As partes não retêm as informações adequadas por completo, levando em consideração aspectos como: a qualidade do produto, o tempo de entrega, as condições justas de preço.

Porter (1985) sustenta a ideia de que a vantagem competitiva surge do valor que uma empresa é capaz de criar para seus consumidores excedendo o custo para a criação desse valor. A vantagem competitiva envolve uma ou várias características como, por exemplo: a vantagem competitiva precisa ter valor para os clientes; ela não pode ter outras vantagens competitivas substitutas disponíveis prontamente aos concorrentes; a vantagem competitiva precisa ser sustentável. Essas características permitem a uma empresa ser diferente por entregar mais valor sob o ponto de vista dos clientes; com isso diferencia-se dos concorrentes e em consequência acaba obtendo vantagens no mercado em que está inserida.

Porter (1985) ainda descreve as cinco forças competitivas básicas que são: entrada, ameaça de substituição, poder de negociação dos compradores, poder de negociação dos fornecedores e rivalidade entre os atuais concorrentes. Em conjunto, essas forças determinam a intensidade da concorrência da organização e até mesmo a sua rentabilidade. O autor sustenta que para lidar adequadamente com as cinco forças (relações de interinfluência), existem somente dois tipos básicos de vantagem competitiva

que uma empresa pode possuir: baixo custo e diferenciação, que combinados com o escopo resultam em três estratégias genéricas para alcançar um desempenho superior: liderança em custo, diferenciação e foco.

Segundo Porter (1999) a tecnologia rompe barreiras entre firmas e as transporta ao conjugado de atividades, ao passo que essas tecnologias são assimiladas em muitos produtos e processos industriais e por conseguinte aumentam as oportunidades de compartilhamento no desenvolvimento de tecnologias ou, ainda, na aquisição e fabricação de componentes.

4.5 Caracterização das Pesquisas

Verificou-se neste item do trabalho que as pesquisas foram classificadas pelos seus respectivos autores como trabalhos teóricos ou estudos empíricos, e, ainda, classificados como exploratório, descritivo ou ambos. Dentre os 18 artigos analisados, 33,33% são pesquisas teóricas, e a maioria, com 66,67%, foi classificada como estudo empírico. E ainda, 27,78% pesquisas exploratórias, 50% descritivas e 22,22% classificou como exploratória e descritiva a sua pesquisa. Destaca-se que todos os autores caracterizaram a pesquisa de alguma forma.

4.6 Tipo de Coleta de Dados

Nesta parte do trabalho apresentam-se os tipos de coletas de dados utilizados nos artigos estudados. As coletas de dados foram utilizadas através de dados primários, secundários ou ambos; através de questionários, entrevistas, levantamento documental ou com a aplicação de mais de um tipo de coleta ou outro tipo de coleta de dados. Ainda o estudo analisou as pesquisas em um método qualitativo, quantitativo ou **quali-quantitativo**, para obtenção dos dados. Por fim notou-se se as amostras extraídas nos estudos foram amostras não probabilísticas ou amostras probabilísticas e se foram estudadas uma ou mais empresas.

Para o tipo de coleta de dados utilizado pelos 12 artigos caracterizados como estudos de casos, têm-se os seguintes dados:

Tabela 3 – Tipo de Coleta de Dados

Tipo de Coleta	Percentual (%)
Dados Primários	66,67
Dados Secundários	8,33
Ambos	25,00
Questionários	50,00
Entrevistas	8,33
Levantamento documental	16,67
Mais de um ou outros	25,00
Pesquisa Qualitativa	75,00
Pesquisa Quantitativa	8,33
Pesquisa “Quali-Quanti”	16,67
Uma empresa estudada	0,00
Mais de uma empresa estudada	100,00
Amostra Não Probabilística	100,00
Amostra Probabilística	0,00

Fonte: Elaborado pelos autores.

Verificou-se que esses estudos utilizaram como fonte para obtenção de dados de pesquisa: 66,67% dados primários, 8,33% dados secundários e 25% dos estudos fazem uso dos dois tipos de coleta de dados.

Para coleta de dados nas organizações estudadas foram aplicadas as técnicas de questionários (50%), entrevistas (8,33%), levantamento documental (16,67%) e ainda aplicaram mais de um tipo de coleta ou outros tipos (25%). Percebe-se uma tendência para estudos voltados a esse tema na utilização dos questionários de pesquisa como fonte de coleta de dados, e ainda a combinação das técnicas aplicadas.

Já com relação aos métodos escolhidos revela-se o seguinte: pesquisa quantitativa (8,33%), pesquisa qualitativa (75%) e a aplicação dos dois tipos de pesquisa, aqui caracterizados como **quali-**

quantitativo, (16,67%). A maioria das pesquisas optou pelo método de pesquisa qualitativa, e os estudos utilizaram amostras pequenas, generalizações de teorias, dados subjetivos, reforçando a validade dos estudos e diminuindo a confiabilidade de generalizações.

Uma informação relevante destaca que para os estudos de caso descritos pelos estudos a totalidade desses estudos analisou mais de uma empresa, em seu processo de pesquisa, ressaltando a ideia de que cooperação consiste na formação de alianças e parcerias entre empresas em um contexto intra e interorganizacional.

E o levantamento do tipo de coleta demonstra que nos 100% dos artigos estudados, os pesquisadores optaram pela amostra não probabilística, não sendo encontrado entre esses artigos nenhum com amostra probabilística, reforçando a preferência dos pesquisadores acadêmicos na aplicação de coleta de dados em amostras por conveniência, sendo mais acessíveis os dados empresariais de que os pesquisadores necessitam para conclusão de seus estudos de caso.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma constatação referente a essa pesquisa norteia-se pela necessidade de uma abordagem mais ampla na comunidade acadêmica sobre o tema cooperação empresarial e temas correlacionados para que venham cada vez mais contribuir com esse entendimento acerca das teorias organizacionais.

Com relação ao objetivo principal desta pesquisa de **analisar a produção acadêmica em periódicos nacionais brasileiros disponíveis via web na base do Scielo**, pode-se dizer que foi atingido, pois se constata no decorrer dos resultados e discussões desse estudo a apresentação dos elementos descritos como: periódicos, onde foram publicados os artigos; a quantidade de artigos por ano de publicação; a caracterização dos autores desses artigos; tipo de pesquisa utilizada; o apontamento dos autores mais citados sobre o tema de cooperação empresarial e suas principais obras citadas.

Para a pergunta-problema **existe uma padronização na utilização de referências bibliográficas em estudos de cooperação empresarial no Brasil?**, entende-se que as publicações no âmbito nacional sobre cooperação empresarial ainda caminham para uma unificação das referências utilizadas, e pelo pouco material encontrado através dessas publicações, ainda existe uma pulverização dos autores citados, mas já existe uma tendência para alguns deles, no tocante ao estudo de redes de empresa, estratégias empresariais e econômicas.

Sobre as hipóteses de pesquisa (a) a concentração das publicações sobre cooperação empresarial em apenas um periódico, pode-se dizer que foi refutado, de acordo com o levantamento do

estudo, por mais que se identificou uma quantidade de 8 artigos publicados em um mesmo periódico (**Revista de Administração Contemporânea**); também verificou-se publicações em mais 9 periódicos brasileiros.

Conforme a hipótese (b) redes de empresas são mais utilizadas como objetivo de estudo para obtenção de dados em pesquisa em cooperação empresarial, diz-se que foi comprovada por conta de 66,67% dos estudos serem empíricos, com a totalidade desses utilizando mais de uma empresa enquanto objetivo de estudo, sendo essas: redes de empresas, clusters, arranjos produtivos e relações inter e intra-organizacionais. A maioria dos artigos fez uso da palavra-chave **cooperação**, além da constatação através das outras dos autores citados nas referências bibliográficas abordarem como fonte principal o tema de redes de empresa.

E por fim a terceira hipótese (c) a utilização predominante nas citações bibliográficas de autores estrangeiros, conclui-se que foi validada porque dentre os 14 autores mais citados encontra-se apenas uma referência (Amato, 2000), sendo as demais provenientes de autores estrangeiros.

O trabalho limita-se pela subjetividade do assunto e de seus pesquisadores, pelo recorte de pesquisa no âmbito nacional, surgindo a possibilidade de avanços no estudo como a análise bibliométrica em nível mundial, para formação de um comparativo e uma ampliação da amostra para que generalizações sobre o tema possam ser realizadas como forma de obtenção de novas informações sobre a produção acadêmica sobre cooperação empresarial.

REFERÊNCIAS

- Amato, J., Neto. (2000). *Redes de cooperação produtiva e clusters regionais*. São Paulo: Atlas.
- Araújo, C. A. (2006). Bibliometria: evolução histórica e questões atuais. *Em Questão*, 12(1), 11-32.
- Bibliometrics. (n.d.) 2010. Recuperado em 04 de novembro, 2011, de <http://www.ischool.utexas.edu/~palmquis/courses/biblio.html>.
- Borba, M. L., Hoeltgebaum, M., & Silveira, A. (2011). A produção científica em empreendedorismo: análise do Academy of Management Meeting: 1954-2005. *Revista de Administração Mackenzie*, 12(2), 169-206.
- Burt, R. S. (1992). *Structural holes: the social structure of competition*. Cambridge: Harvard University Press.
- DiMaggio, P., & Powell, W. (1983). The iron cage revisited: institutional isomorphism and collective rationality in organizational fields. *American Sociological Review*, 48(2), 147-160.

- Granovetter, M. (1973). The strength of weak ties. *American Journal of Sociology*, 78, 1360-1380.
- Krugman, P. (1995). *Development, geography and economic theory*. Cambridge: MIT Press.
- Muniz, J., Jr., Maia, F. G. M., & Viola, G. (2011). Os principais trabalhos na teoria do conhecimento tácito: pesquisa bibliométrica 2000-2011. *Anais do Simpósio de Administração da Produção, Logística e Operações Internacionais*, São Paulo, SP, 14.
- Neely, A. (1998). *Measuring business performance*. London: The Economics.
- Nohria, N., & Eccles, R. (1992). *Networks and organizations: structure, form and action*. Boston: Harvard Business School Press.
- Paulista, P. H., Campos, D. F., & Turrioni, J. B. (2010). Análise bibliométrica da gestão do conhecimento. *Anais do Encontro Nacional de Engenharia de Produção*, São Carlos, SP, 30.
- Plonski, G. A. (1999). Cooperação universidade-empresa: um desafio gerencial complexo. *Revista de Administração da Universidade de São Paulo*, 34(4), 5-12.
- Porter, M. E. (1985). *Competitive advantage :creating and sustaining superior performance*. New York: Free Press.
- Porter, M. E. (1998). Clusters and the new economics of competition. *Harvard Business Review*, 76(6), 77-90.
- Porter, M. E. (1999). Clusters e competitividade. *HSM Management*, 15, 100-110.
- Powell, W. (1990). Neither market for hierarchy network forms of organization. *Research in Organizational Behavior*, 12, 295-336.
- Pritchard, A. (1969). Statistical bibliography or bibliometrics? *Journal of Documentation*, 25(4), 348-349.
- Schmitz, H. (1999). Collective efficiency and increasing returns. *Cambridge Journal of Economics*, 23(4), 465-483.
- Segatto-Mendes, A. P., & Sbragia, R. (2002). O processo de cooperação universidade- empresa em universidades brasileiras. *Revista de Administração da Universidade de São Paulo*, 37(4), 58-71.
- Valsiner, J. (1989). *Human development and culture: the social nature of personality and its study*. Lexington, MA: Lexington Books.
- Williamson, O. E. (1985). *The institutions of capitalism*. Cambridge, MA: Belknap Press.
- Williamson, O. E. (1991). Comparative economic organization: an analysis of discrete structural alternatives. *Administrative Science Quarterly*, 36(2), 3-37.
- Yin, R. K. (2001). *Estudo de caso: planejamento e métodos* (D. Grassi, Trad.). (2a ed.). Porto Alegre: Bookman.

THE BRAZILIAN SCIENTIFIC PRODUCTION IN BUSINESS COOPERATION

ABSTRACT

This article aims to analyze the academic production in the area of business cooperation in articles published in major Brazilian periods available in the base of Scielo. The research employs the bibliometric technique to scientific work in the period 2001 to 2010. The study is characterized as descriptive and exploratory, with quantitative treatment of bibliographic data and performed by means of citation analysis, using keywords, methods employed, the formation of the authors and the creation of a list of the 14 most cited authors and their works. The results show that the production on this theme is low due to the identification of only 18 articles and 770 bibliographic references in the period studied. This indicates that the majority of authors published only one article in this period about cooperation. The results achieved with this search assist researchers in the field to the increase of knowledge in cooperation.

Keys-Word: Authors; Scientific Literature; Bibliometrics; Cooperation.

Data do recebimento do artigo: 23/03/2012

Data do aceite de publicação: 29/07/2012